CAPÍTULO 18 - 448B 17–449B4

> *448b17 Com relação à objeção declarada acima, deve-se considerar se é possível ou não possível sentir várias coisas simultaneamente. Por "simultaneamente" quero dizer juntas em um momento indivisível de tempo.*
>
> *448b20 Primeiro, então, se é possível sentir simultaneamente por meio de uma parte diferente da alma, que não é indivisível, mas é indivisível da maneira como algo contínuo é.*
>
> *448b22 Ou primeiro, o caso de objetos percebidos por um único sentido. Por exemplo, se a visão percebe cores diferentes com diferentes partes de si mesma, ela terá várias partes especificamente iguais, pois o que é percebido pertence ao mesmo gênero.*
>
> *448b26 Se alguém disser que, já que há dois olhos, nada impede que também seja assim na alma — deve-se dizer que talvez a partir deles seja feita uma única coisa, e eles tenham uma única operação. Mas no outro caso, se alguma coisa una é feita a partir de dois, aquilo será o que percebe; mas se estiverem separados, não será como o outro caso.*
>
> *448b29 Além disso, haverá também vários sentidos que são os mesmos, como se alguém falasse de ciências que não são diferentes. Pois não pode haver nem uma operação sem sua própria potência, nem uma potência sensitiva sem a primeira.*
>
> *449a2 Mas se a alma percebe isso por uma parte indivisível, é claro que também percebe as outras coisas. Pois é mais possível que várias destas sejam percebidas simultaneamente do que as de gêneros diferentes. Se, então, a alma percebe o doce por uma parte e o branco por outra, a partir delas ou alguma coisa una é feita ou não. Mas é necessariamente feita, pois a parte sensitiva é alguma parte una. Que objeto uno, então, ela tem? Pois não há um objeto uno feito a partir desses objetos. Portanto, há necessariamente alguma parte una da alma pela qual ela percebe tudo, como foi dito antes, mas percebe gêneros diferentes por meio de partes diferentes.*

> *449a10 Portanto, na medida em que é indivisível, é uma potência em ato capaz de sentir o doce e o branco. Mas quando se torna divisível, é diferente em ato.*
>
> *449a13 Ou, novamente, assim como ocorre nas próprias coisas, ocorre também na alma. Pois uma única e numericamente a mesma coisa é branca, doce e muitas outras coisas, se as afecções não são separáveis umas das outras. Mas o ser (esse) de cada uma é diferente. Do mesmo modo, então, devemos supor que também na alma a potência que é capaz de sentir todas as coisas — embora estas difiram no ser, algumas em gênero e outras em espécie — é uma e numericamente a mesma. Portanto, perceberá também por meio do que é simultaneamente uno e o mesmo, mas não o mesmo em aspecto (ratio).*
>
> *449a20 Ora, é evidente que tudo que é sensível é uma magnitude, e o que é indivisível não é sensível. Pois há uma distância infinita a partir da qual não será capaz de ser visto, mas aquela a partir da qual pode ser visto é finita. E o mesmo ocorre com o audível e o odorífero, e com quaisquer sentidos que não tocam as próprias coisas. E assim há um limite para a distância a partir da qual não pode ser visto, e um ponto a partir do qual pode ser visto pela primeira vez. E, portanto, há necessariamente algo indivisível além do qual não há sensação, mas aquém do qual há necessariamente sensação. Se, então, algo indivisível é sensível, quando colocado no limite que é o último ponto a partir do qual não é sensível e o primeiro ponto a partir do qual é sensível, será simultaneamente visível e invisível. Mas isso é impossível.*
>
> *449b1 Algo foi dito, então, sobre as partes sensitivas e os objetos sensíveis, como eles se relacionam, tanto em geral quanto com respeito a cada parte sensitiva. Do que resta, o primeiro a ser considerado são a memória, a recordação e o sono.*

Comentário

448b17 Depois que o Filósofo eliminou uma solução falsa, aqui ele busca a verdadeira.

Sobre este ponto, ele faz três coisas. Primeiro, investiga a verdade sobre a questão mencionada. Segundo, prova algo que pressupôs no que precede, onde diz: *Ora, é evidente que tudo que é sensível* (449a20). Terceiro, acrescenta um epílogo ao que foi dito em seu livro, onde diz: *Algo foi dito, então* (449b1).

Sobre o primeiro ponto, ele faz duas coisas. Primeiro, propõe o que pretende. Segundo, executa a proposta, onde diz: *Primeiro, então, se é possível sentir simultaneamente* (448b20).

Assim, com base no fato de que o que alguns disseram foi eliminado — a saber, que várias coisas são sentidas simultaneamente não em um instante de tempo que é indivisível segundo a verdade da questão, mas em um período de tempo imperceptível devido à brevidade — devemos considerar, com respeito à objeção levantada acima, se é ou não possível sentir várias coisas

simultaneamente, tomando "simultaneamente" como significando em um instante indivisível de tempo.

448b20 Então, quando diz: *Primeiro, então, se é possível sentir simultaneamente*, pressupondo que um animal realmente sente diferentes objetos sensíveis simultaneamente — pois obviamente temos experiência disso — ele investiga como isso é possível.

Sobre este ponto, ele faz três coisas. Primeiro, apresenta uma maneira falsa. Segundo, refuta-a, onde diz: *Ou primeiro, o caso dos objetos sentidos por um sentido* (448b22). Terceiro, apresenta a maneira verdadeira, onde diz: *Portanto, na medida em que é indivisível* (449a10).

Assim, ele primeiro diz que deve ser considerado primeiro se é possível sentir simultaneamente diferentes objetos sensíveis por meio de uma parte diferente da alma, sendo a parte sensitiva da alma, por assim dizer, não indivisível — isto é, não incapaz de ser dividida — embora seja indivisível no sentido de que não é dividida em ato, sendo como um todo contínuo. Pois se entendermos a parte sensitiva da alma como um contínuo, os argumentos apresentados acima são dissolvidos, porque nada impedirá que coisas diferentes e contrárias estejam na potência sensitiva da alma com respeito às suas diferentes partes, da maneira como vemos que um corpo é branco em uma parte e preto em outra.

448b22 Então, quando diz: *Ou primeiro, o caso dos objetos sentidos por um sentido*, ele refuta a maneira recém-mencionada.

Sobre este ponto, ele faz três coisas. Primeiro, mostra que decorrerá que mesmo um sentido, por exemplo a visão, é divisível em várias partes. Segundo, mostra que isso é impossível, onde diz: *Se alguém diz* (448b26). Terceiro, mostra que também não é possível com respeito a sentidos diferentes, onde diz: *Mas se sente isso por uma parte indivisível* (449a2).

Assim, ele primeiro diz que, como se pode sentir simultaneamente vários objetos pelo mesmo sentido, como quando a visão distingue entre branco e preto, de acordo com o argumento anterior, será necessário dizer que sente as diferentes cores por diferentes partes de si mesmo, e assim decorrerá que o mesmo sentido terá várias partes especificamente iguais. Pois não se pode dizer que as partes do sentido da visão diferem especificamente, porque tudo que é sentido pela visão pertence ao mesmo gênero, e há diferença específica entre as potências sensitivas apenas por causa dos diferentes gêneros dos objetos sensíveis.

448b26 Em seguida, quando ele diz "Se alguém disser", ele refuta o que foi dito com dois argumentos.

O primeiro é que, se alguém disser que, assim como existem dois órgãos da visão — isto é, dois olhos —, nada impede que haja também dois sentidos da visão na alma sensitiva, em resposta a isso deve-se dizer que, a partir dos dois olhos, algo uno é formado, e que há uma única operação de ambos os olhos — isto é, na medida em que as visões dos dois olhos convergem, por meio de certos nervos, para um órgão interno da visão próximo ao cérebro, como foi dito acima. Mas se, da mesma forma, na alma, algo uno é formado a partir de duas potências da visão, pela convergência das duas potências em um único princípio, é a esse princípio uno que a operação de sentir será atribuída. Mas se as duas potências da visão estão completamente separadas na alma porque não

convergem em um único princípio, a relação das potências da visão na alma não será como a dos olhos no corpo, e, portanto, a comparação não foi adequada para mostrar o que foi proposto. Portanto, não parece razoável dizer que há duas potências da visão na alma.

448b29 Ele apresenta o segundo argumento onde diz: "Além disso, haverá também vários sentidos".

Ele diz que, de acordo com a posição exposta acima, haverá vários sentidos que são especificamente os mesmos, por exemplo, vários sentidos da visão ou vários sentidos da audição. Seria como se alguém dissesse que há, no mesmo ser humano, várias ciências que não são especificamente diferentes, por exemplo, várias gramáticas ou várias geometrias. Certamente é possível que haja, numericamente, várias gramáticas ou várias potências da visão em diferentes seres humanos, mas não em um único e mesmo ser humano, assim como é impossível que haja, numericamente, várias brancuras em um único e mesmo sujeito. Para mostrar que não pode haver vários sentidos especificamente iguais no mesmo ser humano, ele acrescenta que a potência sensitiva e a operação se seguem mutuamente de tal modo que não pode haver potência sem sua operação própria e *per se*, nem operação sem sua potência própria. Mas a operação sensitiva é distinguida de acordo com os objetos sensíveis, e, portanto, onde os objetos sensíveis são completamente os mesmos, não há potências sensitivas diferentes causando operações diferentes. Os hábitos das ciências são semelhantes: seus atos são distinguidos de acordo com seus objetos.

449a2 Em seguida, quando ele diz "Mas se sente isto por uma parte indivisível", ele mostra que isso é impossível para objetos de sentidos diferentes, isto é, que é impossível que eles sejam sentidos por diferentes partes da alma.

Ele diz que, se objetos sensíveis pertencentes a gêneros diferentes são percebidos por uma única e mesma parte indivisível da alma, é claro que muito mais o são os outros, isto é, aqueles pertencentes a um único gênero. Pois foi provado acima que é mais possível que objetos pertencentes a um mesmo gênero sejam sentidos simultaneamente do que objetos pertencentes a gêneros diferentes, e isso é especialmente verdadeiro com respeito à identidade do que percebe.

Ele prova a seguir que a alma percebe objetos sensíveis de gêneros diferentes pela mesma parte indivisível. Se a alma sente o doce por uma parte de si mesma e o branco por outra, dessas duas partes, ou algo uno será formado ou não. Mas é necessário dizer que há algo uno ao qual todas essas partes — isto é, os diferentes sentidos — são referidas, porque a parte sensitiva é uma parte una da alma. Mas não se pode dizer que a parte sensitiva da alma tenha um único gênero de objetos sensíveis — a menos que, talvez, se dissesse que de todos os objetos dos sentidos particulares — por exemplo, cor, som e outros tais objetos — forma-se um objeto sensível uno que corresponderia à parte una da parte sensitiva que é comum a todos os sentidos próprios. Mas isso é impossível. Portanto, há necessariamente alguma parte una da alma pela qual um animal sente tudo, mas sente gêneros diferentes por meio de partes diferentes, por exemplo, a cor pela visão, e o som pela audição, e assim por diante.

Agora, aqui deve ser considerado que, onde quer que haja diferentes potências ordenadas, uma potência inferior está relacionada a uma superior como um instrumento, porque a superior move a inferior, e a ação é atribuída ao agente principal que age por meio de um instrumento, assim como

dizemos que um construtor corta por meio de uma serra. É dessa maneira que o Filósofo diz aqui que o sentido comum percebe por meio da visão, e por meio da audição, e por meio de outros sentidos próprios, que são diferentes partes potenciais da alma, e não, como foi alegado acima, como diferentes partes de um contínuo.

449a10 Em seguida, quando ele diz "Portanto, na medida em que é indivisível", ele mostra como a mesma parte indivisível da alma pode perceber simultaneamente coisas diferentes. Ele apresenta duas maneiras.

Ele apresenta a primeira de forma breve e obscura, porque foi apresentada mais detalhadamente em *Sobre a Alma*.

Para evidência sobre este ponto, então, deve ser considerado que, uma vez que as operações dos sentidos próprios são referidas ao sentido comum como seu primeiro e comum princípio, o sentido comum está relacionado aos sentidos próprios e suas operações da maneira como um ponto está relacionado a diferentes linhas que nele se encontram. Ora, um ponto que é o termo de diferentes linhas, considerado em si mesmo, é uno e indivisível, e dessa forma o sentido comum, na medida em que é em si mesmo indivisível, é uma potência una em ato, capaz de sentir o doce e o branco, o doce por meio do paladar, e o branco por meio da visão. Mas se o ponto for considerado separadamente, na medida em que é o termo desta linha, e separadamente novamente na medida em que é o termo de outra linha, ele é, de certa forma, divisível, porque tomamos o único ponto como dois. Da mesma forma, o sentido comum, quando é tomado como algo divisível — por exemplo, quando julga separadamente o branco, e separadamente novamente o doce — é diferente em ato. Mas na medida em que é uno, ele julga as diferenças entre os objetos sensíveis. Com isso, os argumentos introduzidos acima são dissolvidos, na medida em que o que sente diferentes objetos sensíveis é de certa forma uno, e de certa forma não uno.

449a13 Ele apresenta a segunda maneira onde diz: "Ou novamente, como está nas próprias coisas".

Ele diz que, assim como está nas coisas externas, assim, pode-se dizer, está na alma. Pois vemos que um único e numericamente mesmo corpo é branco, e doce, e muitas outras tais coisas que são predicadas dele como acidentes — isto é, se tais afecções não estão separadas umas das outras, como acontece quando um corpo mantém sua brancura e perde sua doçura. Mas enquanto as afecções não estão assim separadas, a coisa branca e a coisa doce permanecem as mesmas no sujeito, mas diferem no ser. Da mesma forma, pode-se postular sobre a alma que a potência capaz de sentir todos os objetos sensíveis — tanto aqueles que diferem em gênero, como branco e doce, quanto aqueles que diferem em espécie, como branco e preto — é uma e mesma no sujeito. E de acordo com isso, será necessário dizer que a alma sente diferentes objetos sensíveis por meio do que é, de certa forma, uno e o mesmo, isto é, uno e o mesmo no sujeito, mas de certa forma não o mesmo, na medida em que difere no aspecto.

Dificuldades

I

Agora, uma objeção pode ser levantada a isso. Pois, no que está fora da alma, embora a mesma coisa possa ser doce e branca, no entanto, a mesma coisa não pode ser branca e preta. Assim, pareceria que a alma não pode simultaneamente sentir objetos sensíveis de um mesmo gênero quando são contrários. Aristóteles levanta essa objeção em *Sobre a Alma*, quando diz: "E é impossível que o branco e o preto sejam simultâneos; portanto, suas espécies também não podem ser experimentadas simultaneamente." [Nota de rodapé]

Ele sugere a solução pelo que acrescenta: "se o sentido e o intelecto são semelhantes." Com isso, ele nos dá a entender que a situação no sentido e no intelecto não é completamente semelhante à dos corpos naturais. Pois um corpo natural recebe as formas segundo seu ser natural e material, segundo o qual possuem contrariedade, razão pela qual o mesmo corpo não pode receber simultaneamente brancura e negrura. Mas o sentido e o intelecto recebem as formas das coisas de modo espiritual e imaterial, segundo um ser intencional, de modo que não possuem contrariedade. Portanto, o sentido e o intelecto podem receber simultaneamente espécies de objetos sensíveis contrários. Algo semelhante pode ser visto no transparente, que, numa mesma parte de si mesmo, pode ser alterado pelo branco e pelo preto, pois a alteração não é material nem segundo o ser natural, como foi dito acima.

Há também outra coisa a considerar: que o sentido e o intelecto não apenas recebem as formas das coisas, mas também fazem um juízo sobre elas. Ora, o juízo sobre contrários não é em si contrário, mas algo uno e idêntico, pois por um dos contrários se faz um juízo sobre o outro. Nessa medida, é verdade o que foi dito acima: que objetos sensíveis pertencentes a um mesmo gênero, onde o juízo sobre um dos objetos é feito por meio do outro, podem ser sentidos mais facilmente simultaneamente do que objetos de sentidos diferentes.

II

Mas há também outra dificuldade neste ponto, pois as palavras do Filósofo apresentadas acima (449a13-20) parecem confirmar uma opinião dos Estoicos, que sustentavam que a cor e o odor e outros objetos sensíveis não são sentidos por potências diferentes; e que não existem potências sensíveis diferentes; mas que a própria alma, por si mesma, conhece todos os objetos sensíveis, e, ao fazê-lo, difere apenas em aspecto.

A isso deve-se dizer que a solução dessa segunda dificuldade pressupõe a primeira solução. Assim, deve-se entender que a alma — isto é, o sentido comum, existente como numericamente um, e diferindo apenas em aspecto — conhece diferentes gêneros de objetos sensíveis, os quais, no entanto, são referidos a ela pelas diferentes potências dos sentidos próprios.

+0+

449a20 Em seguida, quando ele diz "Agora é claro que tudo o que é sensível", ele prova algo que pressupôs acima, a saber, que nada é percebido a menos que seja de algum tamanho.

Ele diz que é claro que tudo o que é sensível é uma magnitude, e nada indivisível é sensível. Para provar isso, ele introduz a consideração de que há uma distância da qual uma coisa não pode ser vista; ele diz que essa distância é "infinita", porque, se a distância for estendida ao infinito, nada é visto dali. E há uma distância da qual uma coisa pode ser vista, e esta é "finita", porque uma coisa

começa a ser vista a partir de uma distância finita. É semelhante com os outros sentidos, a saber, a audição e o olfato, que sentem a partir de alguma distância através de um meio externo sem tocar as próprias coisas sensíveis. Portanto, como a distância da qual uma coisa não pode ser vista é infinita na direção oposta à visão, mas finita na direção da visão, segue-se que é possível identificar um limite a partir do qual nada é visto. Mas a distância da qual uma coisa pode ser vista é finita em ambas as direções. Portanto, é possível identificar um termo a partir do qual uma coisa pode ser vista pela primeira vez. Mas qualquer coisa intermediária entre duas quantidades contínuas entre si é indivisível. Portanto, há necessariamente algum ponto indivisível além do qual nada pode ser sentido, e aquém do qual uma coisa necessariamente pode ser sentida. Portanto, se algo indivisível é sensível e é colocado nesse limite indivisível, seguir-se-á que é simultaneamente visível e invisível: invisível na medida em que está no limite da distância do invisível, mas visível na medida em que está no limite do visível. Mas isso é impossível. Portanto, a premissa primeira, de que algo indivisível é sensível, também é impossível. Pois, se algo indivisível é colocado no referido termo, será em parte visto e em parte não visto, o que não pode ser dito do indivisível.

+0+

Agora, essa prova pode parecer falhar, porque não é possível identificar um limite a partir do qual todas as coisas visíveis começam a ser vistas: antes, coisas maiores são vistas de uma distância maior, e coisas menores, de uma distância menor.

A isso deve-se dizer que todo objeto sensível é visível a partir de alguma distância determinada. Portanto, se a coisa indivisível que se sustenta ser sensível é vista a partir de alguma distância determinada, como uma coisa divisível, então o argumento de Aristóteles será conclusivo. Mas, se não for possível determinar uma distância a partir da qual ela começa a ser vista ao mesmo tempo que uma coisa divisível o é, seguir-se-á novamente que de modo algum ela pode ser vista. Pois é preciso tomar a proporção da distância da qual as coisas divisíveis podem ser vistas segundo a proporção das magnitudes que são vistas. Mas não há proporção de magnitude indivisível para divisível, por exemplo, de um ponto para uma linha. Assim, seguir-se-á que o que é indivisível não pode ser visto de nenhuma distância, porque qualquer distância tem uma proporção para qualquer outra distância. Portanto, seguir-se-á que, se a coisa indivisível é vista, ela é vista por união com a visão, o que é contrário à natureza da visão e dos outros sentidos que sentem sem tocar. Portanto, uma coisa indivisível não pode ser sentida — exceto, talvez, na medida em que é o limite de um contínuo, pois outros acidentes dos contínuos também são percebidos dessa forma.

+0+

449b1 Em seguida, quando ele diz "Algo foi dito, então", ele faz um epílogo ao que foi dito neste livro e estabelece continuidade com o que se segue.

Ele diz que algo foi dito sobre as partes sensitivas — isto é, os órgãos do sentir — e sobre os objetos sensíveis, e como eles se relacionam com os sentidos, tanto em geral quanto com respeito a cada órgão do sentido, em parte neste livro, em parte no livro *Sobre a Alma*. Do que resta, as primeiras coisas a considerar são a memória e a reminiscência e o sono, porque, assim como as coisas presentes são conhecidas pela potência sensitiva, as coisas passadas são conhecidas pela memória, e há um certo pré-conhecimento das coisas futuras no sono.

Revision #2
Created 5 October 2026 23:52:00 by Admin
Updated 7 October 2026 00:17:53 by Admin